



## NA AREIA POR TRÁS DA TELA DE VIDRO: análise do trabalho de guarda-vidas em Baywatch

FREIRE, Emilio Ben Barreto<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Baywatch*, a série mais vista na história da televisão, acompanha a rotina de uma equipe de guarda-vidas na Califórnia. O presente trabalho teve como objetivo analisar *Baywatch* sob a ótica do trabalho com foco em dois episódios e um filme datado de 1989 até 2017. Os elementos de trabalho que apareceram foram resumidamente a disposição ao trabalho, a mistificação do processo de trabalho, a falta de formação adequada e o contraste entre o trabalhador que ora é herói, ora é invisível. Ainda contextualizamos o trabalho de guarda-vidas dentro da era de serviços com a mundialização do capital e a explosão do setor de turismo, assim como a resignificação do espaço da praia como um local de lazer. Por fim, colocamos algumas possibilidades, limites e sínteses a partir do presente trabalho e da necessidade de mais pesquisas *sobre e com* os guarda-vidas a respeito de seu trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** guarda-vidas; trabalho; mídia; Baywatch.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado durante os primeiros meses do percurso de mestrado do autor no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina com o objetivo de se aproximar de outro ângulo do objeto de estudo que, nesse caso, é o trabalho dos guarda-vidas. Sendo assim, objetivou-se analisar como os guarda-vidas são retratados pela mídia e, mais especificamente, na série e no filme *Baywatch*.

O trabalho dos guarda-vidas consiste em garantir a segurança de pessoas em locais de ambientes aquáticos, seja via prevenção ou salvamento. Não é um trabalho regulamentado apesar de existir um projeto de lei<sup>2</sup> e alto índice de afogamento, sendo que 15 brasileiros morrem afogados diariamente e é uma das maiores causas de morte entre crianças e jovens (SOBRASA, 2021). Esses fatores em conjunto, da não regulamentação somado a uma necessidade por parte da população de estar assegurado em meios aquáticos resulta em uma precarização que vem na esteira da terceirização, flexibilização e informalidade do trabalho (ANTUNES, 2020).

*Baywatch*, analisado no presente trabalho iniciou-se como uma série de ação/drama estadunidense que acompanhava a rotina de uma equipe de guarda-vidas da Califórnia e, apesar de ser descartado após apenas uma temporada foi retomado por um dos

<sup>1</sup> Mestrando da linha 3 do Programa de Pós-graduação em Serviço Social - Universidade Federal de Santa Catarina. Email: emiliobenfreire@gmail.com.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre a PL42/2013 que tem como ementa a regularização da profissão de guarda-vidas ver: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/113381>.



protagonistas e a equipe de direção para se tornar a série mais vista na história da televisão com 1.1 bilhão de pessoas assistindo semanalmente em 142 países diferentes no ano de 1996<sup>3</sup>. A série original iniciou em 1989 e encerrou em 2001, mas recentemente no ano de 2019 a Amazon realizou uma reprise em alta definição no seu sistema de streaming Amazon Prime.

Além da série em si, o produto midiático *Baywatch* teve outras repercussões como um episódio especial lançado no ano de 2003 e um filme em 2017, tornando-se um fenômeno da cultura pop. É notório a cena recorrente do filme dos atores correndo em roupas vermelhas em câmera lenta a caminho de realizar um salvamento aquático e isso tem permeado também a cultura digital.

No entanto, cabe aqui olhar para *Baywatch* e analisá-lo sob as lentes do trabalho. Assim como Jamie Woodcock afirmou, ao observar produtos midiáticos que tratassem sobre call centers que (WOODCOCK 2017, p. 1, tradução nossa)

O documentário e o filme são, é claro, projetados para o entretenimento, em vez de serem uma investigação crítica sobre as condições de trabalho. No entanto, eles ilustram uma série de questões que oferecem insights sobre a experiência de trabalho e se vinculam à construção de visões negativas dos call centers.

Acreditamos que materiais que retratam sobre os guarda-vidas podem ser interessantes no mesmo sentido, dessa forma, nos perguntamos: o que esse produto midiático tem a nos dizer sobre o trabalho dos guarda-vidas?

Além de fazer o questionamento do que *Baywatch* tem a nos dizer sobre o trabalho, buscamos na sequência fazer o caminho inverso olhando a partir dos elementos, vistos em *Baywatch*, que dialogam com o mundo do trabalho atual a partir da literatura científica da área. Por fim concluímos com algumas considerações do processo de elaboração da pesquisa, assim como seus limites, possibilidades e sínteses.

## **DA AREIA PARA A TELA DE VIDRO: ELEMENTOS DO TRABALHO PRESENTES EM BAYWATCH**

Ao longo do texto busco olhar para *Baywatch* com destaque no primeiro episódio produzido de 1989, no episódio especial de reencontro de 2003 e no filme produzido posteriormente em 2017. De forma sintética, o primeiro episódio trata sobre um dia na rotina dos guarda-vidas da praia de Malibu, Califórnia, o segundo episódio trata sobre o casamento de um dos protagonistas na qual a equipe viaja para Hawaii e o filme também é

<sup>3</sup> Conforme Guinness World Records, disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/66933-largest-tv-audience-series#:~:text=At%20its%20peak%20of%20popularity,in%20142%20countries%20in%201996>



localizado em Califórnia com o enredo do combate dos guarda-vidas ao tráfico de drogas e privatização na baía.

Algo em comum no filme e nos episódios é a disposição ao trabalho e o status *descolado* do trabalho de guarda-vidas. Isso fica nítido em algumas cenas que aparecem logo no início de cada material, como a decisão repentina de um advogado de terno em um carro conversível indo ao trabalho em um dia ensolarado de ir trabalhar na praia porque se ficar muito tempo com os pés fora da areia enlouquece. Outras cenas também retratam isso, dando a entender que os sujeitos literalmente vivem apenas em função do trabalho de guarda-vidas como no telefonema a Mitch<sup>4</sup>, um guarda-vidas aposentado, que aceita retornar ao trabalho devido ao baixo efetivo em um dia ensolarado ou até mesmo no grande número de pessoas que comparecem a seletiva de guarda-vidas para fazer um teste para ingressar ao trabalho no filme mais recente.

Em outros momentos, no entanto, há uma mistificação do próprio processo de trabalho, colocando a função de guarda-vidas como um *estilo de vida* ou, em um momento mais tenso do filme em que os demais guarda-vidas buscam convencer um colega a se manter no trabalho alegando a ele que “você não protege a baía, você é a baía”. Embora exista um apelo por estar na praia e a vida que isso pode envolver, na sociedade capitalista o trabalhador não é sinônimo de seu trabalho, ou em outras palavras

A exteriorização do trabalho em seu produto tem o significado não somente do que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas bem além disso, que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (Marx, 2004 p.81).

Já nos momentos onde realmente há um retrato do trabalho são apresentadas cenas “divertidas” e que naturalizam atitudes machistas e hipersexualizadas. Existem cenas recorrentes no filme que apontam para isso como, por exemplo, uma jovem mulher que é resgatada e desenvolve um apego emocional e obsessão pelo socorrista. Também pelos próprios guarda-vidas no uso do binóculos, um material de trabalho, para observar as pessoas na praia e no mar, mas que acaba sendo utilizado, principalmente por guarda-vidas homens, para observar o corpo de mulheres nas praias.

O filme também mostra o material de trabalho, partindo de objetos simples como uniforme, boia de salvamento e bandeiras de sinalização e também veículos como carros, lanchas, jetskis e helicópteros. Em qualquer resgate mostrado nos produtos midiáticos todo o material e todos os guarda-vidas são acionados ilustrando a aventura, para além da diversão como um elemento central do trabalho de guarda-vidas

<sup>4</sup> Mitch Buchannon é um dos guarda-vidas protagonistas da série.



Em um resgate em específico o conhecimento técnico sobre afogamento, para além da capacidade física dos trabalhadores também é colocado em jogo, sendo inclusive um motivo de tensão entre os trabalhadores. Nessa cena, uma das guarda-vidas com menos experiência se desespera ao não saber como reanimar uma vítima e, posteriormente a outra guarda-vidas que estava junto reclama para o seu superior que se sente sobrecarregada, uma vez que sua colega não soube como agir no momento de uma emergência.

Se por um lado, *Baywatch* apresenta guarda-vidas que estão trabalhando sem o preparo prévio para atuar em situação de emergência, de outro lado apresenta uma disposição contínua ao trabalho, como em outra cena na qual um guarda-vidas não quer se aposentar. Mesmo tendo atingido a idade limite para se aposentar, Al Gibson, busca apoio de um colega advogado para burlar a aposentadoria obrigatória e continuar trabalhando. Esse fato acaba sendo aceito pela sua vasta experiência no salvamento aquático, mas gera outros problemas a partir do momento que Al não tem o mesmo preparo físico que os guarda-vidas mais jovens na hora de efetuar um resgate.

De modo geral, em *Baywatch* os guarda-vidas estão dispostos a trabalhar mais horas e burlar direitos trabalhistas para conseguir se manter o máximo tempo possível na praia. Essa posição dos guarda-vidas na série é contrária àquela colocada pelos movimentos operários que têm buscado criar para si uma existência melhor e mais humana diante de uma situação que vivem apenas para o trabalho (ENGELS, 2010).

Mesmo com o panorama de um trabalho divertido, aventureiro e onde todos querem trabalhar há momentos de embate entre os guarda-vidas e seus superiores. Essa tensão aparece em momentos em que os personagens não se dedicam o suficiente ou se dedicam demasiadamente para o cargo que estão exercendo. Em uma cena do filme, por exemplo, um guarda-vidas de outro local quer ser contratado na praia sem passar pelo processo seletivo, em resposta um guarda-vidas que está numa posição de liderança pontua que para ser guarda-vidas é preciso "fazer um sacrifício por algo maior". Em outro momento na série, um guarda-vidas promovido para tenente, responsável por coordenar o trabalho dos guarda-vidas na praia, vai trabalhar de chinelo, vestimenta característico da praia, mas é chamado a atenção pelo seu superior para vir trabalhar de sapato que seria a vestimenta correta para o cargo.

Além disso, existem divergências com aqueles responsáveis pelo trabalho que não são guarda-vidas como em uma cena do filme na qual os guarda-vidas buscam combater o tráfico de drogas que está acontecendo na praia e um policial reclama que devem se preocupar em cuidar dos banhistas e não investigar crimes. Mesmo assim os guarda-vidas seguem na investigação e saem como heróis ao conseguir sanar os problemas que aconteciam no entorno da praia.



Outro elemento interessante do embate do filme entre as autoridades da cidade e os guarda-vidas é que, na busca de abafar a investigação por conta própria dos guarda-vidas, a autoridade responsável pela contratação dos mesmos demite o guarda-vidas em posição de liderança. As próximas cenas mostram o mesmo trabalhando de vendedor em uma loja de produtos eletrônicos e o fantasma do Mitch Buchannon o convocando de volta para a praia. Aqui é interessante o contraste e as possibilidades colocadas para o guarda-vidas que, em sua praia é bem quisto e um herói, mas ao ser demitido vira um trabalhador em uma posição longe de ser destaque.

Ainda no filme, outro personagem é mostrado dormindo embaixo do trapiche na praia mais do que uma vez. Embora não coloca explicitamente que o guarda-vidas em questão está em situação de rua, é de se questionar: porque isso aparece no filme? Uma possível interpretação é pela praia ser um local de alto custo de aluguel e moradia pelo fator turístico e ser mais econômico dormir no próprio local de trabalho do que pagar os custos de um local próximo ou aumentar a jornada de trabalho com o tempo de transporte com um local mais distante.

### **DA TELA DE VIDRO PARA A AREIA: ELEMENTOS DE *BAYWATCH* PRESENTES NO MUNDO DO TRABALHO**

Em primeiro momento apresentamos elementos do trabalho que aparecem em *Baywatch*, como a disposição ao trabalho, a mistificação do processo de trabalho, a falta de formação adequada e o contraste entre o trabalhador que ora é herói, ora é invisível. Na sequência, a partir dos elementos supracitados, apontamos elementos que dialogam com as transformações recentes e o mundo de trabalho hoje conforme a literatura científica.

É importante pautar que as relações presentes no trabalho dos guarda-vidas não é um fato isolado, mas fruto de processos históricos e do modo de produção da vida vigente. O surgimento e a atenção dada para o trabalho de guarda-vidas aparece em um contexto específico de aumento do setor de turismo e utilização das praias para atividades de lazer. Dessa forma, é preciso pontuar que “um dos traços do capitalismo dos últimos 40, 50, 60 anos foi a explosão, com a mundialização da economia, com a mundialização do capital, a explosão do setor de turismo” (ANTUNES, 2020, p. 7).

As praias, locais que já tiveram um outro sentido para os seres humanos passaram a ser utilizadas para fins de lazer e turismo (PORTO, 2013). O programa televisivo *Baywatch* entra como um produto que apresenta a praia como um espaço possível de sociabilidade humana na década de 1990, atingindo um amplo público com acesso a praia ou não. Vale ressaltar que, sendo um programa de entretenimento, a praia aparece como um local ensolarado e agradável para os banhistas, apesar de momentos de apavoro caracterizados por cenas de aventura nas quais os guarda-vidas realizam resgates.



Quanto ao elemento da disposição ao trabalho que aparece no filme, “há um elemento da possibilidade da dispersão do trabalho sem perder o controle sobre ele” (ABÍLIO, 2020 p. 114). Essa disposição, portanto, não aparece como uma subordinação do trabalhador ao local do trabalho, justamente pela identificação dos guarda-vidas com a praia, ou seja, a adesão ao *estilo de vida* dos guarda-vidas. É possível observar isso nas cenas anteriormente citadas, onde há essa disposição ao trabalho justamente pela relação com a praia, embora exista uma diferenciação entre a praia como espaço de lazer e espaço de trabalho que não é enfatizado.

Esse elemento é ainda reforçado nas cenas que situam o trabalhador como o seu próprio trabalho, ou no caso de *Baywatch*, os guarda-vidas não protegem a baía, mas são a baía. Colocar o trabalhador como responsável pelo sucesso ou fracasso do seu trabalho, isolando de fatores externos, é característico da era de serviços na qual esse discurso neo-empresendedor tem ganhado força (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020). Embora haja diferenças entre o guarda-vidas de *Baywatch* e o proletariado da era de serviços, o discurso que mistifica a relação entre o trabalhador e o produto do seu trabalho são comuns.

Sobre a formação dos guarda-vidas, no retrato do trabalho como divertido e repleto de aventuras e o ambiente da praia como um local de festas também durante a noite, não há um momento voltado para a formação dos guarda-vidas para além da seletiva inicial de escolha para a temporada. Diante disso, a solução colocada para a sobrecarga da guarda-vidas que estava trabalhando com outra guarda-vidas com menos experiência, por exemplo, é a retirada da mesma da praia, mais uma vez isolando fatores externos. Isso também tem sido reforçado pela ideologia neoliberal, onde cada um é responsável, além do seu trabalho, pela sua própria formação enquanto trabalhador.

A responsabilização da formação, ou ainda, a não formação do trabalhador, assim como a escolha de aposentados e/ou profissionais de outras ocupações (como é o caso do advogado ou do trabalhador da área de T.I) que escolhem passar a temporada na praia revela um elemento amador do trabalho de guarda-vidas.

O trabalho amador apresenta-se como o provisório, mesmo que seja permanente. Remete a uma perda de mediações publicamente estabelecidas que conferem a identidade profissional, uma perda de regulações estatais. Traz consigo uma maleabilidade que possibilita sua capilaridade com diferentes modos de vida e trajetórias ocupacionais (ABÍLIO, p. 122).

Reconhecemos que *Baywatch* é produzido por fins de entretenimento e, como o estudo de Scott (2021) aponta, se os guarda-vidas de *Baywatch* realmente trabalhassem na Califórnia durante os anos na qual o programa ocorreu teríamos mais mortes e menos sucesso nos resgates do que teve na prática.



Simultaneamente vimos que a série *Baywatch*, assim como o documentário e filme visto por Woodcock (2017) sobre call centers, enaltece e mistifica o trabalho conjuntamente no processo de tornar em entretenimento o trabalho de guarda-vidas. Isso fica visível nos elementos acima pontuados, assim como nas visões que são postas sobre os guarda-vidas que é uma referência da praia, até um herói, mas jamais um trabalhador remunerado que está ali em contrapartida de alguma forma de remuneração pelo seu trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, buscamos olhar para elementos do trabalho de guarda-vidas a partir do produto midiático *Baywatch* e, em específico, dois episódios e um filme da franquia. Vimos que, além de aparecer elementos de trabalho, há um possível diálogo com o mundo do trabalho da atualidade. Também foi possível de situar o trabalho de guarda-vidas na forma que se configura hoje como um fenômeno recente fruto do uso social das praias e da explosão do setor de serviços e do setor de turismo resultante de um processo de mundialização que data de meados do século passado.

Acreditamos que, apesar de suficientes para observar elementos do trabalho nesse produto midiático em específico, há a possibilidade de observar outros episódios de *Baywatch*, assim como outros produtos midiáticos que tem relação com o trabalho de guarda-vidas como documentários, outras séries e até mesmo conteúdo das novas mídias como as redes sociais.

Entre os limites do trabalho, embora também não estivesse em seu objetivo, é necessário observar o trabalho de guarda-vidas a partir da perspectiva do trabalhador. A literatura científica carece de estudos com essa perspectiva e para essa categoria de trabalhadores em específico, apesar de que é possível encontrar semelhanças em outras categorias de trabalho, seja na área de turismo, segurança ou setor de serviços em geral.

Concluimos colocando que pesquisas com esse caráter, mais do que revelar as contradições e mistificações presentes no trabalho, necessitam ter uma inflexão na realidade da classe trabalhadora, sendo pesquisas que não tratam apenas *sobre* os trabalhadores, mas *com* os trabalhadores. Além disso, apesar de buscar observar elementos do trabalho de uma categoria específica, há uma importância de não perder o foco da totalidade e de vincular processos do trabalho particular com processos no geral, como foi feito na segunda parte do texto.



## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020. FapUNIFESP (SciELO).  
<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>.

ANTUNES, Ricardo. AS METAMORFOSES DO MUNDO DO TRABALHO E O PROLETARIADO DE SERVIÇOS/TURISMO. **Turismo: Estudos & Práticas** (UERN), Mossoró/RN, v. 9 (Dossiê Temático 2), pp. 1-12, 2020

ANTUNES, Ricardo. Trabalho Intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. Em: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo. 2020. P. 11-22

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo editorial. 2010

FILGUEIRAS, V.; ANTUNES, R. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 59-78.

MARX, Karl. **Manuscritos filosóficos-econômicos**. São Paulo: Boitempo editorial. 2004. P. 81

PORTO, A. R. S. **Uma história do salvamento aquático em Santa Catarina**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SCOTT, Liam. California drownin': An observational study of drowning and survival in the television drama Baywatch compared to real-life LA County. **Resuscitation Plus**. V. 5, Mar 2021. <https://doi.org/10.1016/j.resplu.2020.100061>

SOBRASA, Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático. **Boletim Brasil - 8ª edição**. 2021 WOODCOCK, Jamie. **Working the phones**. Londres: Pluto Press. 2017. p. 1